
- **MORFOLOGIA II**

Coordenador(a): *Geraldo Cintra*

A MORFOLOGIA NO ENSINO E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO

Maria José Nélo

Esta comunicação situa-se na área da prática pedagógica, com vertente sócio-cognitiva, e trata da expectativa sócio-culturais dos alunos do sexto período do curso de Letras ainda esperam

aprender a gramática normativa. Para atenuar tal lacuna, propõe-se que os alunos analisassem a formação, a estrutura, a classe e a significação morfológicas das palavras em diferentes textos de circulação local e nacional, bem como situassem a que período histórico esses textos se referiam e quando passaram a integrar o livro didático. Deste modo, os resultados obtidos são parciais e indicam que: 1 - os conhecimentos lingüísticos e enciclopédicos se inter-relacionam para quaisquer análises; 2 - a compreensão dos conceitos gramaticais e científicos se aplicam aos textos: cartum, histórias em quadrinhos, propaganda, publicidade, provérbios, manchetes de jornais, títulos de livros, de revistas, de jornais; e 3 - as dificuldades de leitura, de análises e de produção textual não são apenas de ordem gramatical. Conclui-se que, o ensino de língua é um processo de construção de conhecimentos que envolvem compreensão e aplicabilidade da inter, multi e transdisciplinaridade.

O NÚMERO DOS NOMES NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Geraldo Cintra (USP)

Tradicionalmente o número dos nomes do português é descrito como um processo flexional em que uma categoria denominada singular, indicativa de um único elemento, se opõe à categoria plural, indicativa de mais de um elemento. Essa abordagem, de longa tradição, é a que se encontra nas gramáticas do português desde os primeiros autores até os mais recentes. Neste trabalho argumentamos em favor de uma análise que esboçamos em publicação recente na qual propomos a interpretação do número como processo derivacional para os substantivos, mantendo, contudo, a interpretação do número dos modificadores do substantivo como processo flexional. Demonstramos, ainda, a inadequação da oposição singular/plural para o português do Brasil, com base não somente em exemplos de uso real da língua (oriundos de dados de expressão oral espontânea e de textos escritos), mas também em trabalhos recentes, notadamente os que se dedicam ao estudo dos chamados nominais nus.

O PRESENTE DO INDICATIVO:TEMPO OU NÃO TEMPO?

Odette Gertrudes Luíza Altmann de Souza Campos (UNESP)

Partindo de Bybee(1985),segundo a qual há uma relação entre forma e conteúdo, decidimos analisar o uso do presente do indicativo, em textos de propagandas jornalísticas e em títulos de matérias de jornais da cidade de São Paulo, para verificar até que ponto esta forma do verbo tem, nesses contextos,valor temporal ou não.

Esse tempo verbal, que apresenta como marca formal o'zero', é muito comum nesses contextos.Examinando seu valor semântico,observamos serem essas formas destituídas de valor temporal propriamente dito.Jakobson(1939)já havia afirmado que formas menos marcadas formalmente apresentam uso mais genérico do que as mais marcadas, posição essa retomada por Bybee(1985). Observamos que são os contextos analisados que exigem o uso dessas formas,em contraste com outros contextos em que encontramos o uso de outras formas mais marcadas semântica e formalmente.

O USO DO PRESENTE DO INDICATIVO NA LÍNGUA FALADA

Marcos José Fatori (UNESP)

O presente do indicativo é um dos tempos verbais mais empregados na língua portuguesa falada. Na medida em que é utilizado para expressar tanto o presente como o passado e o futuro, pode-se dizer que se trata do tempo verbal mais versátil de nossa língua. No entanto, há poucos estudos acerca de seu uso. Tendo isso em vista, pretende-se, neste trabalho, analisar, num corpus

constituído de textos orais, especificamente de entrevistas com enfoque em história de vida, os valores semânticos que o referido tempo verbal assume, bem como verificar sua relação com os tipos de verbo (ação, processo, ação-processo e estado), com os argumentos de primeiro grau (agente, paciente, instrumental, causativo, objetivo, locativo, experimentador), que se apresentam na função de sujeito, e com a pessoa (1^a, 2^a, 3^a) em que este se realiza, buscando fazer um levantamento das situações que favorecem seu uso no discurso. Como embasamento teórico, serão utilizadas as pesquisas de Reichenbach e Côroa, as quais tratam do aspecto semântico dos tempos verbais, e as de Weinrich, que analisa os tempos verbais sob uma perspectiva discursiva.